

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

FOLHA100: FALTAM 38 DIAS

TERÇA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 2021

ANO 100 ★ Nº 33.522 ★ R\$ 5,00

Ford fechará suas fábricas no Brasil

Corte inclui demissão de 5.000 trabalhadores no país e na Argentina; produção em Camaçari (BA) para imediatamente

A Ford anunciou ontem que vai encerrar todas as atividades fabris no Brasil neste ano. A empresa começou 2020 com 8.000 funcionários no país, conta agora com 6.171 e demitirá outros 5.000 no Brasil e na Argentina.

A marca americana manterá algumas operações locais. A sede na América do Sul permanecerá em São Paulo, e o campo de provas de Taubaté (SP) continuará operando, bem como o centro de desenvolvimento da Bahia.

Amontadora fechou o ano passado com 7,1% de participação no mercado, que já vinha em queda. Havia fechado a unidade de São Bernardo do Campo e desativa agora Camaçari (BA), onde fazia os modelos Ka e EcoSport.

Taubaté (SP), que fabrica motores e transmissões, e Horizonte (CE), que produz o utilitário Troller, serão fechadas ao longo do ano.

Em nota, a Ford disse que atenderá a região com seu portfólio global de produtos.

A Anfavea lamentou a decisão e lembrou que vem alertando para a ociosidade da indústria e a falta de medidas para reduzir o custo Brasil.

A Ford foi a primeira grande fabricante a se instalar no país, em 1919. Mercado A11 a A13

Análise Eduardo Sodré
Para matriz, encerramento já teria ocorrido, pois Argentina e México têm vantagens A11

Empresa ganhou bastante e poderia ter retardado saída, declara Mourão A12

Democratas iniciam 2º impeachment contra Trump

A Câmara dos EUA deu início ontem ao segundo processo de impeachment contra Donald Trump, que tem só mais nove dias de mandato. Os democratas apresentaram resolução que pede o afastamento do presidente por incitação à insurreição e à violência. O objetivo, porém, é impedir que ele volte a disputar a Casa Branca. Mundo A8

Com PT, candidato de Bolsonaro se fortalece no Senado

A bancada do PT no Senado anunciou apoio a Rodrigo Pacheco (DEM-MG) na eleição da Casa, em fevereiro. Preferido de Jair Bolsonaro, ele já conta com seis partidos, que contabilizam 29 senadores — são necessários 41. Poder A4 e A5

Denúncias da PGR aguardam STF há mais de três anos

O STF leva, em alguns casos, mais de três anos para julgar se aceita uma denúncia da PGR. Dos 82 inquéritos públicos e em segredo de Justiça na corte, 12 estão na fila. A restrição de foro especial não acelerou os trabalhos. Poder A6

Tribunal impõe multa por serviço de sócio de Lulinha sob Paes

Mauro Zafalon
Atraso na vacina pode afetar agronegócio A15

Está pouco ainda, diz Bolsonaro sobre registro de armas 90% maior

Argentinas presas por abortarem buscam liberdade

Mulheres presas por terem interrompido gestação de forma clandestina ou sofrido abortos espontâneos agora buscam liberdade na Argentina após a legalização da prática pelo Senado. Ao menos 30 estão nessa condição. Mundo A10



Sindicato realiza assembleia com metalúrgicos no estacionamento da unidade de Taubaté, ontem à tarde Rogério Marques/Folhapress

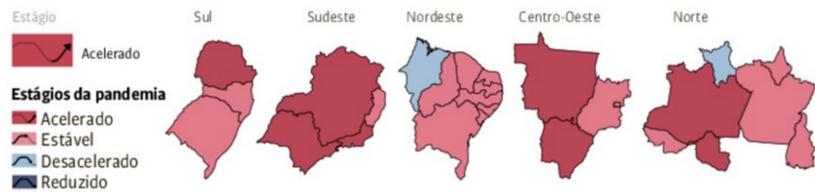


Ato comemorativo do 100.000º caminhão fabricado pela Ford no país, em abril de 1964, na fábrica de São Paulo Última Hora/Folhapress

Pandemia no Brasil

Brasil	Total	Ontem*	Varição**
Casos	8,1 mi	54,2 mil	56,3%
Óbitos	203,6 mil	1.004	62,7%

Dados das 20h de 11 jan
*Média móvel de 7 dias **Em relação a 14 dias



Guilherme Boulos Risco da epidemia da miséria

Neste ano, as grandes batalhas serão pelo começo da vacinação e pela manutenção do auxílio emergencial. Além da pandemia, a epidemia da miséria nos ameaça. Opinião A2

Professor, militante do MTST e do PSOL; passa a escrever às terças

Esporte B8

Maratona da sorte

Se passar pelo River Plate hoje, às 21h30, e alcançar a final da Libertadores, o Palmeiras fará dez jogos em 32 dias. Em 1999, foram 13 partidas até o primeiro título continental.

Ilustrada B9

Uma casa no campo

Impulsionados pelo isolamento social sob pandemia, artistas e milionários buscam o campo — ou a praia —, seja em casas de 12 m² ou em mansões.

Michael França

O peso da identidade social

Pesquisas sugerem que indivíduos têm mais chances de dar vantagens aos de sua categorização social. A proeminência da identidade branca marcou a formação do país. Mercado A16

Pesquisador do Inspier; passa a escrever às terças, a cada 2 semanas

Banco do Brasil quer encerrar, com PDV, 361 unidades

O Banco do Brasil aprovou medidas para cortar estrutura. Cerca de 5.000 funcionários devem aderir à demissão voluntária. Serão fechadas 361 unidades, sendo 112 agências. Prevê-se economia de R\$ 2,7 bilhões até 2025. Mercado A15

EDITORIAIS A2

Toda informação
Sobre jornalismo e livre difusão do pensamento.

Outro ano de calor
Acerca de recorde da temperatura global em 2020.

ATMOSFERA



	Hoje	Amanhã
Rio	21 35	21 34
Brasília	18 28	18 27
Ribeirão	23 32	23 31

AUDIÊNCIA/MÊS
PÁGINAS VISTAS 188.223.268
VISITANTES ÚNICOS 37.264.199

ISSN 1414-5723
9 771414 572032 33522

mercado

Ford anuncia que vai fechar todas as fábricas e encerrar produção no país

Decisão inclui demissão de 5.000 no Brasil e na Argentina; empresa venderá veículos importados

Eduardo Sodré, Fernanda Brigatti e João Valadares

SÃO PAULO E RECIFE A Ford anunciou nesta segunda (11) que vai encerrar todas as atividades fabris no Brasil neste ano.

A empresa começou 2020 com 8.000 funcionários no Brasil. De lá para cá, foi realizando desligamentos. Hoje, conta com 6.171 contratados. A Ford anunciou que serão demitidos 5.000 trabalhadores no Brasil e na Argentina, sem dar detalhes.

O grupo remanescente no mercado brasileiro vai manter algumas operações locais. A sede da montadora na América do Sul continuará no Brasil, e o campo de provas de Tatuí, bem como o centro de desenvolvimento da Bahia, continuam operando.

De acordo com a consultoria Bright, especializada no setor automotivo, 84,9% dos 138 mil carros vendidos pela Ford no Brasil em 2020 foram produzidos no país.

A montadora fechou o ano passado com 7,1% de participação no mercado, índice que vinha em queda nos últimos anos. Ficou no quinto lugar em vendas de carros de passeio e veículos comerciais leves, atrás de General Motors (17,35%), Volkswagen (16,8%), Fiat (16,5%) e Hyundai (8,6%).

Em decorrência do anúncio, a Ford prevê um impacto de cerca de US\$ 4,1 bilhões em despesas não recorrentes.

Aproximadamente US\$ 1,6 bilhão será relacionado ao impacto contábil atribuído à baixa de créditos fiscais, depreciação acelerada e amortização de ativos fixos. Os valores remanescentes de US\$ 2,5 bilhões impactarão diretamente o caixa e estão, em sua maioria, relacionados a compensações, rescisões, acordos e outros pagamentos.

A montadora já havia encerrado a produção na fábrica de São Bernardo do Campo (ABC), que foi vendida para a Construtora São José. Agora, confirma a interrupção imediata das atividades em Camaçari (BA), onde produz os modelos Ka e EcoSport.

Em nota, o governo da Bahia lamentou a saída da Ford do Brasil e diz que já busca alternativas para substituir a montadora americana.

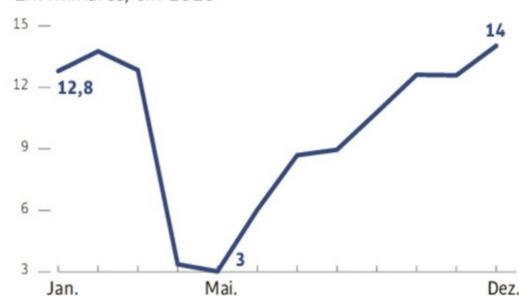
“O governo do estado lamenta o encerramento da produção nas unidades da Ford em Camaçari (BA), Taubaté (SP) e da Troller, em Horizonte (CE). O governo destaca



Metalúrgicos da Ford de Taubaté (SP) durante assembleia convocada por sindicatos, nesta segunda (11), para discutir a decisão da empresa de fechar todas as fábricas do país; unidade paulista e a de Camaçari (BA) convocaram protesto para esta terça (12) Fotos Rogério Marques/Folhapress

Produção de automóveis da Ford em 2020

Em milhares, em 2020



Fonte: Anfavea

- 119.454 automóveis foram fabricados pela Ford no Brasil em 2020
- 120.016 foi a produção da Renault
- 158.294 foram feitos pela Hyundai no ano passado
- 276.165 foi a produção da FCA
- 286.114 foi a produção da Volkswagen
- 305.285 automóveis foram feitos pela GM no período

Decisão já era estudada pela montadora, e conta do custo Brasil chega agora com a pandemia

ANÁLISE

Eduardo Sodré

SÃO PAULO O fim da produção de veículos Ford no Brasil é um movimento estudado desde muito antes da pandemia de Covid-19. Se dependesse da matriz americana, o encerramento já teria ocorrido.

A instabilidade começou na crise de 2014 e seguiu até se tornar incontornável, não sem seguidos sinais de que era mais vantajoso apostar na Argentina e no México para abastecer os principais mercados da América Latina.

Os motivos são conhecidos. Os custos de produção no Brasil e sua complexa carga tributária só justificam a manufatura local de veículos diante de um grande volume de vendas conciliado à estabilidade monetária

[...]

Os custos de produção no Brasil e sua complexa carga tributária só justificam a manufatura local de veículos diante de um grande volume de vendas conciliado à estabilidade monetária

indústria segue um ciclo contínuo de planos de incentivo pontuais que não têm desfecho nem transição.

Nessa lógica, as perdas de alguns anos eram compensadas nos seguintes, com maior ou menor prejuízo para indústria e consumidores. Mas esse ciclo se quebrou.

Com a retração do mercado interno, a desvalorização do real e as constantes mudanças de regras para a indústria automotiva, as matrizes aumentaram a pressão e reduziram o poder de negociação das filiais instaladas no Brasil.

No cenário atual, torna-se desvantajoso manter a produção de veículos de baixo valor agregado —no caso, os modelos Ka e EcoSport. Em uma conta que deve ter sido feita pela matriz americana, um compacto 1.0 brasileiro seria vendido por US\$ 10 mil na

cotação atual e teria uma carga tributária elevada.

Enquanto isso, o zero-quilômetro mais em conta dos EUA, o Chevrolet Spark, custa por volta de US\$ 14,5 mil e não tem impostos tão pesados.

Esse é um grande problema para o Brasil, pois o grosso do volume de sua produção é baseado em modelos pouco rentáveis, enquanto Argentina e México, parceiros comerciais, exportam modelos de maior valor agregado.

Os incentivos que levaram à chegada de novas fábricas nos últimos 25 anos não contemplaram os nós que impediram o país de se tornar também um bom exportador, se limitando a atender mercados vizinhos ou nações igualmente carentes.

A conta está chegando agora, com o agravamento da crise causado pela pandemia.

+ Comercialização dos carros continua

Veículos que deixarão de ser fabricados no Brasil

- 1 Ka
- 2 EcoSport
- 3 T4 (Troller)

Veículos que são fabricados no exterior e que continuarão a ser vendidos no país

- 4 Territory (China)
- 5 Ranger (Argentina)
- 6 Novo Edge ST (Canadá)
- 7 Mustang (EUA)
- 8 Bronco* (México)
- 9 Transit* (Uruguai)

* Chegada prevista para breve



os impactos socioeconômicos consequentes do fechamento da empresa, importante geradora de empregos e renda no estado”, diz o texto.

A nota também informa que o governador Rui Costa, assim que soube da decisão, entrou em contato com a Fieb (Federação das Indústrias do Estado da Bahia) para discutir a formação de grupo de trabalho com a proposta de avaliar alternativas ao fechamento.

“O governo estadual também entrou em contato com a embaixada da China para sondar possíveis investidores com interesse em assumir o negócio na Bahia”, destaca o texto da nota.

A unidade de Taubaté (SP), que fabrica motores e transmissões, e em Horizonte (CE), que produz o utilitário Troller T4, serão fechadas ao longo do ano.

O governador de São Paulo, João Doria, se manifestou em sua rede social. “Lamento a decisão da Ford de encerrar sua produção de automóveis no Brasil. A medida afeta o fechamento de fábricas no Ceará, Bahia e SP. Foi decisão global da Ford Motors”, escreveu no Twitter, destacando que seriam mantidos 700 trabalhadores no estado, uma parte em Tatuí, onde está o campo de provas, e outra, na capital.

Após o fechamento da fábrica de São Bernardo do Campo, a Ford optou por transferir sua sede para a cidade de São Paulo. O endereço do novo local não chegou a ser divulgado, pois a inauguração foi adiada devido a pandemia. A área administrativa está em home office.

O Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté convocou assembleia de emergência em frente à fábrica para discutir ações em conjunto com os trabalhadores. A unidade tem cerca de 830 funcionários.

Em nota, a prefeitura também disse lamentar o fechamento da unidade da Ford e a consequente demissão dos 830 funcionários, entendendo que a crise econômica mundial tem reflexos na cidade.

A gestão municipal afirmou que a cidade não pode arcar sozinha com o prejuízo do encerramento das atividades da fábrica. “Ainda nesta semana, o Executivo terá reuniões com representantes do Sindicato dos Metalúrgicos e do governo do estado para buscar alternativas”, diz a nota.

Em comunicado, a empresa afirma que “atenderá a região com seu portfólio global de produtos, incluindo alguns dos veículos mais conhecidos da marca, como a nova picape Ranger produzida na Argentina, a nova Transit, o Bronco, o Mustang Mach 1, e planeja acelerar o lançamento de diversos novos modelos conectados e eletrificados”.

“Trata-se de uma decisão estratégica global de uma das nossas associadas. Respeitamos e lamentamos. Mas isso corrobora o que a entidade vem alertando há mais de um ano, sobre a ociosidade da indústria (local e global) e a falta de medidas que reduzam o custo Brasil”, disse, em nota, a Anfavea (associação das montadoras).

Para a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), a decisão da Ford é “um movimento que tem de ser olhado com atenção”.

“A Fiesp tem alertado sobre a necessidade de implementar uma agenda que reduza o custo Brasil, melhore o ambiente de negócios e aumente a competitividade dos produtos brasileiros. Isso não é apenas discurso”, afirmou.

Segundo a entidade, a alta carga tributária faz diferença na hora da tomada de decisões. A Fiesp pede reformas estruturais, redução de impostos e melhoria da competitividade da economia brasileira para atração de investimentos e geração de empregos.

As ações da Ford fecharam em alta de 3,33% em Nova York. O índice S&P 500 ce- deu 0,66%.

Leia mais nas págs. A12 e A13

mercado

PAINEL S.A.

Paula Soprana (interina)
painelsa@grupofolha.com.br

Vigília

Após a assembleia que reuniu 500 empregados da Ford de Taubaté (SP) na segunda (11), trabalhadores determinaram uma madrugada de vigília em frente à montadora. A ordem era para que as portas permanecessem fechadas. “Nada entra e nada sai” foi a orientação de Cláudio Batista da Silva, que preside o Sindicato de Metalúrgicos no município. A notícia sobre o fechamento das fábricas no Brasil foi comunicada pela Ford ao sindicato por telefone às 15h30. “Clima de velório”, relata Silva.

SEGUNDA MARCHA O dia de mobilização em Taubaté será para encaminhar os próximos passos. No radar do sindicato está uma reunião com o governador João Doria (PSDB), intermediada pelo prefeito Saud (MDB), segundo o líder sindical. Setecentas pessoas seguirão empregadas no estado, mas não na área fabril.

MEIA VOLTA Para Ricardo Baccellari, sócio da área automotiva da KPMG no Brasil, a pandemia apenas catalisou a situação desfavorável da montadora no país. “A Ford não tomou essa decisão por desgosto do Brasil”, afirma. A conjuntura envolve prioridade de investimentos em mercados rentáveis e em produtos como carros elétricos e autônomos.

A FÁBRICA QUE NÃO FOI Há 22 anos, o Rio Grande do Sul foi preterido na escolha de uma fábrica da Ford, que optou pela unidade da Bahia. A companhia abandonou as obras em estágio de terraplenagem em Guaíba após um impasse nas negociações com o então governador Olívio Dutra (PT).

VAMOS EMBORA “Os benefícios para a Ford, incluindo a concessão de um empréstimo de R\$ 210 milhões [em 1999], pareciam ser incompatíveis com a situação fiscal na época. A isso se somou o fato de o regime automotivo do Nordeste tornar a escolha da Bahia muito mais vantajosa à montadora”, diz estudo recente do governo Eduardo Leite (PSDB-RS) sobre benefícios.

SEGUROS NA CRISE No ano da pandemia, produtos de seguro privado para pessoas, como funeral, de vida, desemprego e acidentes, cresceram 4,5% no acumulado até novembro, na relação com o mesmo período de 2019. Foram R\$ 41,03 bilhões em prêmios, de acordo com a Susep (Superintendência de Seguros Privados)

TUDO JUNTO Areceita de previdência e seguro privados registrou R\$ 22,92 bilhões de ganhos em novembro, alta de 2,9% ante outubro de 2020. Na comparação anual, a queda é de 1%, mas a perspectiva é de trajetória de recuperação.

DANO O setor de danos obteve alta nominal de 3% em 2020.

GARUPA Entregadores da Loggi reclamam que a empresa aumentou os bloqueios de acesso ao aplicativo para os trabalhadores na última semana. O grupo deverá preparar uma ação judicial, segundo Ralf Alexandre Elisari, um dos líderes das paralizações da categoria em 2020.

FAROL Elisari afirma que foram identificados 25 trabalhadores impedidos no Rio. Eles são da categoria Prime, que oferece melhores pagamentos e compensa o motorista quando há demora do cliente para entregar ou retirar a encomenda. Outros casos estão em apuração.

DESTINO Os entregadores dizem que a empresa tem dado indicações de que vai encerrar o serviço Prime. A Loggi nega que tenha feito mudanças e alega adotar uma política transparente de rescisão, que acontece apenas em caso de descumprimento de normas do termo de uso do serviço.

PAREM OS VOTOS Empresas e bancos americanos estão suspendendo contribuições a campanhas políticas e revisando suas doações após a invasão do Capitólio por apoiadores de Donald Trump na quarta (6).

PAUSA O banco JP Morgan Chase confirmou à coluna que vai interromper as doações por seis meses. Segundo a instituição, essas ações terão “aparência diferente no futuro”. O Citi também aderiu e enviou comunicado aos funcionários dizendo que pretende suspender todas as contribuições políticas neste trimestre.

NA MIRA A medida tomada pelos bancos seguiu o anúncio do grupo de hotéis Marriott, que direcionou a suspensão aos que votaram contra a certificação do democrata Joe Biden. A empresa chamou a invasão de um evento “destrutivo para minar uma eleição legítima e justa”.

LIMPEZA A Bombril vai lançar um pano umedecido com álcool a 70%. O produto integra a marca Limpol e será vendido em embalagens semelhantes às de lenços umedecidos. Em março, a empresa começou a fabricar de álcool em gel.

com Filipe Oliveira e Mariana Grazini

INDICADORES

**CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA**

Competência janeiro*

Autônomo, empregador e facultativo			
Valor mín.	R\$ 1.045	20%	R\$ 209
Valor máx.	R\$ 6.101,06	20%	R\$ 1.220,21
MEI (Microempreendedor)			
Valor mín.	R\$ 1.045	5%	R\$ 52,25

Assalariado		Alíquota
Até R\$ 1.045		7,5%
De R\$ 1.045,01 a R\$ 2.089,60		9%
De R\$ 2.089,61 a R\$ 3.134,40		12%
De R\$ 3.134,41 a R\$ 6.101,06		14%

*O prazo da competência de novembro vence em 18 jan para empresas; para pessoas físicas, vence em 15 jan

IMPOSTO DE RENDA

Em R\$	Alíquota, em %	Deduzir, em R\$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

	Alíquota	Mínimo em R\$	Máximo em R\$
Empregado	De 7,5% a 14%	97,04	713,09
Empregador	20%	250,50	1.220,21

*O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 7 jan. A guia de pagamento dos empregadores inclui a contribuição ao INSS do empregador e do empregado doméstico, o FGTS, a multa para a demissão e o seguro contra acidentes. A contribuição ao INSS do empregado doméstico pode ser descontada de seu salário

Ford ganhou muito dinheiro no país e poderia ter adiado saída, diz Mourão

Em nota, Ministério da Economia afirma que decisão 'destoa da forte recuperação observada na maioria dos setores da indústria no país'

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O vice-presidente Hamilton Mourão afirmou estar surpreso com a decisão da Ford de fechar suas fábricas no Brasil, disse a pasta. “A decisão da montadora destoa da forte recuperação observada na maioria dos setores da indústria no país, muitos já registrando resultados superiores ao período pré-crise”, disse a pasta. A Ford já havia encerrado a produção na fábrica de São Bernardo do Campo (SP), que foi vendida para a Construtora São José. Agora, a empresa confirma a interrupção imediata das atividades em Camaçari (BA), onde produz os modelos Ka e EcoSport, além de Taubaté (peças) e Horizonte (CE), onde fabrica o Troller T4. A empresa começou o ano de 2020 com 8.000 funcionários no Brasil. De lá para cá, a companhia foi realizando desligamentos. Hoje, conta com 6.171 contratados. A Ford anunciou que serão demitidos 5.000 trabalhadores no Brasil e na Argentina, sem dar detalhes.

Responsável por elaborar políticas para desenvolvimento da indústria e elo do governo com as montadoras, o secretário especial de Produtividade, Emprego e Competitividade do Ministério da Economia, Carlos da Costa, atribuiu a governos anteriores a fonte dos problemas no setor. “Lamento o encerramento das atividades fabris da Ford. Quando assumimos, a indústria vinha em frangalhos, apesar de bilhões gastos por governos anteriores. Temos reduzido o custo Brasil que herdamos, 22% do PIB. Mas a pandemia impediu que nossas ações surtisse efeito a tempo”, disse em publicação nas redes sociais.

O secretário afirmou que o momento é de “unir forças” para reduzir o custo Brasil e recuperar a indústria nacional, novamente afirmando que as perdas ocorreram em gestões anteriores. [É hora] de continuar o trabalho focado, que já permitiu que nossa indústria se recuperasse em ‘V’ neste ano”, afirmou.

Em nota, o Ministério da Economia lamentou a decisão da Ford e disse que a saída da montadora do país reforça a necessidade de rápida implementação de medidas de melhoria do ambiente de negócios, além de avançar com reformas estruturais.

“A decisão da montadora destoa da forte recuperação observada na maioria dos setores da indústria no país, muitos já registrando resultados superiores ao período pré-crise”, disse a pasta. A Ford já havia encerrado a produção na fábrica de São Bernardo do Campo (SP), que foi vendida para a Construtora São José. Agora, a empresa confirma a interrupção imediata das atividades em Camaçari (BA), onde produz os modelos Ka e EcoSport, além de Taubaté (peças) e Horizonte (CE), onde fabrica o Troller T4. A empresa começou o ano de 2020 com 8.000 funcionários no Brasil. De lá para cá, a companhia foi realizando desligamentos. Hoje, conta com 6.171 contratados. A Ford anunciou que serão demitidos 5.000 trabalhadores no Brasil e na Argentina, sem dar detalhes.

Anúncio mostra falta de credibilidade do governo, afirma Maia

Fábio Pupo

BRASÍLIA O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), afirmou nesta segunda-feira (11) que a decisão da Ford de fechar todas as fábricas no Brasil é reflexo da falta de credibilidade do governo.

“O fechamento da Ford é uma demonstração da falta de credibilidade do governo brasileiro, de regras claras, de segurança jurídica e de um sistema tributário racional. O sistema que temos se tornou um manicômio nos últimos anos, que tem impacto direto na produtividade das empresas”, afirmou Maia em rede social.

Segundo ele, é necessário proporcionar segurança jurídica para a iniciativa privada. “Espero que essa decisão da Ford alerte o governo e o Parlamento para que possamos avançar na modernização do Estado e na garantia da segurança jurídica para o ca-

“Lamento o encerramento das atividades fabris da Ford. Quando assumimos, a indústria vinha em frangalhos, apesar de bilhões gastos por governos anteriores. Temos reduzido o custo Brasil que herdamos, 22% do PIB. Mas a pandemia impediu que nossas ações surtisse efeito a tempo

Carlos da Costa
secretário especial de Produtividade, Emprego e Competitividade do Ministério da Economia

“Lembram quando Bolsonaro disse que, se a esquerda vencesse na Argentina, nossos vizinhos fugiriam desesperados para cá? Pois a Ford vai fechar todas as fábricas no Brasil e manter a produção no Uruguai e Argentina

Marcelo Freixo (PSOL-RJ) deputado federal

pital privado no Brasil”, disse. Outros políticos, inclusive da base aliada do governo, criticaram o governo pelo anúncio.

O deputado federal Marcos Pereira (Republicanos-SP), ex-ministro da Indústria e cujo partido integra o centrão, afirmou que a decisão é lamentável e afirmou que a situação econômica do país pode ter reflexos nas eleições em 2022.

“Se é verdade que saúde econômica pode decidir as eleições presidenciais, com esses anúncios, podemos dizer que 2022 está logo aí, e, quem viver verá”, disse.

Pereira também criticou o Ministério da Economia, defendendo que a pasta de Paulo Guedes tenha um olhar “mais amigável” para quem gera empregos.

Pereira ainda lembrou a frase de um dos secretários de Guedes, Carlos da Costa (de Produtividade, Emprego e Competitividade), a executivos da General Motors há cerca de um ano: “Se precisar fechar, fecha”. Procurado, Costa não havia se pronunciado até a conclusão deste texto.

Ciro Gomes, candidato a presidente em 2019, afirmou que a decisão da Ford é um desastre e pediu a saída de Jair Bolsonaro da Presidência.

“Que desastre, meu Deus do céu!”, afirmou em rede social. “Nosso país segue afundando no processo de desindustrialização. Bolsonaro vai liquidar nossa nação! Congresso, cumpria seu dever: impeachment já!”, disse.

Nelson Barbosa, ministro da Fazenda e do Planejamento no governo de Dilma Rousseff, afirmou que esse é “mais um desastre do governo Temerário”.

O deputado federal Marcelo Freixo (PSOL-RJ) afirmou que bravatas não vão solucionar os problemas do país. “Lembram quando Bolsonaro disse que, se a esquerda vencesse na Argentina, nossos vizinhos fugiriam desesperados para cá? Pois a Ford vai fechar todas as fábricas no Brasil e manter a produção no Uruguai e Argentina. Bravata não gera emprego nem vai tirar o país do buraco”, disse.

A Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) afirmou que respeita e lamenta a decisão da Ford. E disse que a decisão corrobora o que a entidade vem alertando há mais de um ano sobre a ociosidade local e global e a falta de medidas que reduzam o custo no Brasil.

O chefe da Secom (Secretaria de Comunicação da Presidência), Fábio Wajngarten, respondeu às declarações de Maia dizendo que a Ford mundial teria fechado fábricas no mundo porque focaria sua produção em SUVs e picapes.

“Não tem nada a ver com a situação política, econômica e jurídica do Brasil. Quem falar o contrário, mente e quer holofotes”, afirmou.

Permanência da sede em SP indica que fechamento no Brasil pode não ser definitivo

ANÁLISE

Milad Kalume

Gerente de desenvolvimento de negócios da Jato Dynamics Brasil

A Ford é uma empresa centenária no Brasil, com uma marca ainda muito forte e representativa.

Foi sufocada como todas as outras três grandes (Volkswagen, Fiat e Chevrolet), principalmente pela chegada das novas entrantes no fim da década de 1990 (Toyota, Renault e Honda), no início dos anos 2010 (Hyundai Brasil) e depois com a Jeep (após a criação do grupo FCA). As empresas mais antigas foram perdendo participação de mercado ano após ano.

Por uma decisão global, finalizou a produção de cami-

nhões e direcionou a produção para veículos maiores em tamanho e em valor agregado em que se destacam os SUVs para os mercados onde a Ford costuma ir bem com esse tipo de veículo, principalmente no seu próprio berço, os EUA.

Por aqui permaneceu com EcoSport, Edge, Fusion, Ka, Mustang, Ranger, Territory e Troller T4 até o anúncio desta segunda-feira (11), que certamente vem sendo definido há um longo tempo, mas foi concretizado com os resultados de 2020, quando a Ford terminou na quinta posição em vendas com pouco menos de 140 mil veículos comercializados.

Com um faturamento estimado em vendas no mercado local em 2020 próximo a R\$ 10 bilhões (algo em torno de 6%

[...]

Fábrica argentina, por outro lado, pode eliminar ociosidade pois se beneficiará do acordo comercial entre os países

do total do mercado entre carros de passeio e comerciais leves), a Ford deixará de produzir localmente mas direcionará suas atividades fabris para Argentina e Uruguai.

No caso da fábrica argentina, provavelmente será eliminada a ociosidade produtiva, pois se beneficiará do acordo comercial entre os países.

A permanência da sede da Ford em São Paulo é um indicio de que essa decisão pode não ser definitiva e retrata a força de nosso país, que é o maior mercado da América do Sul.

O que fica claro é que a Ford, neste momento, não vislumbra bons resultados no mercado brasileiro e dá um passo atrás para, quem sabe em alguns anos, recuperar a confiança e o terreno perdidos.



Funcionários na unidade da Ford em SP, nos anos 1990 Sergio Tomisaki - 6.ago.90/Folhapress

SP e Bahia buscam ação para minimizar impacto da Ford

Estados querem reinserir trabalhadores no mercado ao atrair nova montadora

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO O governo de São Paulo criou uma força-tarefa para tratar dos impactos do fechamento da fábrica da Ford em Taubaté, município na região do Vale do Paraíba, em São Paulo. Serão duas frentes: uma para atender os metalúrgicos, outra para buscar investidores interessados na fábrica.

A secretária de Desenvolvimento Econômico do estado, Patricia Ellen, disse à Folha que se reunirá na terça (12) com o prefeito de Taubaté, João Saud (MDB), para definir um plano de mitigação dos efeitos do fechamento da fábrica para a cidade.

Na Bahia, onde o fechamento da fábrica de Camaçari deve ser imediato, o governador Rui Costa (PT) anunciou a criação de um grupo de trabalho para atrair uma nova montadora para o estado.

Em São Paulo, a força-tarefa, segundo Ellen, incluirá ainda a Secretaria de Desenvolvimento Regional, o InvesteSP (agência de fomento do governo do estado), centrais sindicais e associações representativas.

“O prefeito [de Taubaté] virá pessoalmente para criarmos um plano de mitigação do impacto para os trabalhadores”, diz Ellen. “Essa força-tarefa deverá ter ações tipicamente de recolocação de

trabalhadores, como cursos de qualificação.”

A fábrica da Ford em Taubaté tem cerca de 830 funcionários, que produzem motores e transmissões. A unidade ainda não será imediatamente desativada. Segundo o comunicado da montadora, isso ocorrerá ao longo deste ano.

Patricia Ellen diz que, junto da Investe SP, a gestão estadual quer articular uma “destinação que permita o impulsionamento econômico da região.”

A notícia de que a Ford fecharia todas as fábricas no Brasil chegou ao governo de São Paulo por meio de uma conferência telefônica com o presidente da Ford América do Sul, Lyle Watters.

“Nós lamentamos, obviamente, mas [a decisão] vem de uma série de notícias da reestruturação global que a Ford está fazendo”, afirma.

Ellen destacou que a montadora ainda manterá cerca de 1.400 funcionários no Brasil, metade dos quais em São Paulo. Em Tatuí, a empresa manterá o campo de provas. A unidade administrativa, que funcionava em São Bernardo do Campo, foi transferida para a capital depois do fechamento da fábrica do ABC paulista.

Mais cedo, o governador João Doria disse, via Twitter, lamentar a decisão da Ford.

Em nota, o governador da Bahia, Rui Costa (PT), disse que já ter iniciado articulações para atrair investidores para a fábrica.

Inaugurada há 20 anos, fábrica baiana foi alvo de disputa

João Pedro Pitombo

SALVADOR Primeira indústria automotiva instalada em um estado do Nordeste, a unidade da Ford em Camaçari (região metropolitana de Salvador), foi alvo de uma disputa entre estados brasileiros nos anos 1990 e tornou-se um dos principais símbolos da política de guerra fiscal no Brasil.

Inaugurada em outubro de 2001, a fábrica da Bahia completaria 20 anos em atividade em outubro. Neste período, beneficiou-se de sucessivas prorrogações de incentivos fiscais concedidos pelos governos federal, estadual e municipal.

Por outro lado, tornou-se marco na diversificação da indústria na região, tradicionalmente voltada fabricação de matérias-primas |

—caso das indústrias do polo petroquímico de Camaçari— ou produtos de baixo

valor agregado.

Inicialmente previsto para o Rio Grande do Sul, o projeto da nova fábrica da Ford foi suspenso em abril de 1999, quando o governador Olívio Dutra (PT) rompeu o contrato que havia assinado com a montadora no ano anterior.

Segundo o contrato, o governo gaúcho teria que repassar à Ford R\$ 418 milhões (em valores da época) para capital de giro e obras de infraestrutura, além da concessão de incentivos fiscais. Na época, o então governador Olívio Dutra (PT) considerou o contrato “lesivo aos cofres públicos”.

A partir do rompimento do contrato, a Bahia passou a atuar para atrair a fábrica, em um movimento capitaneado pelo então governador César Borges e pelo então senador Antonio Carlos Magalhães, ambos do PFL.

Além da estratégia agressiva de incentivos fiscais, o governo baiano apostou em uma guerra midiática para conquistar a fábrica.

Logo após saber que o governo gaúcho queria fazer uma revisão no contrato com a montadora, o governo baiano publicou um anúncio proclamando a Ford e a GM para instalar suas fábricas no estado.

Em abril de 1999, o governo baiano publicou nos principais jornais do país com um que anúncio dizia o seguinte:

“GM e Ford, venham para a Bahia. Aqui, a gente honra os compromissos e está sempre andando na frente”.

A decisão da Ford pela Bahia veio em junho de 1999. Para isso, contudo, não bastou o estado aceitar o pacote de incentivos fiscais previsto e oferecer um terreno a preço simbólico.

O governo federal, pressionado pelos então aliados do PFL da Bahia, teve que alterar a lei que estabeleceu o regime automotivo para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, reabrindo o prazo de inscrição no regime até 31 de dezembro daquele ano.

A pressão dos baianos acabou acirrando os atritos entre ACM e o então presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Os dois acabaram rompendo em fevereiro de 2001 — o presidente foi representado pelo vice Marco Maciel, então no PFL, na inauguração da fábrica.

Com a manobra no Congresso, a Ford conseguiu beneficiar-se do regime especial de tributação que previa reduções de até 100% no imposto de Importação, além de isenção de IPI na aquisição de bens de capital e do Imposto de Renda sobre o lucro.

“Havia uma disputa inter-regional e uma resistência em conceder incentivos para que a fábrica viesse para o Nordeste. Mas conseguimos contornar e mostramos que a vinda da Ford para a Bahia era perfeitamente viável”, lembra o ex-governador Paulo Souto (DEM) e senador pela Bahia na época.

Governador da Bahia entre 1999 e 2002, César Borges (sem partido) afirma que a vinda da Ford foi um marco para economia da região. “Foi uma política acertada. Além de aumentar o PIB do estado e gerar empregos, formamos mão de obra em alto nível”.

A fábrica da Ford na Bahia foi inaugurada em outubro de 2001, com investimento de US\$ 1,2 bilhão, em valores da época. Ao longo dos anos, foi consolidando a formação de um completo automotivo com dezenas de indústrias de autopeças no seu entorno.

O Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari estima que fábrica gere 12 mil empregos diretos, sendo 5.000 diretamente da Ford e 7.000 nas sistematistas. Os empregos indiretos são estimados em 60 mil.

A Ford afirma que cerca de 5.000 empregos no Brasil e na Argentina serão afetados, sem detalhar.

A criação da fábrica, a criação de postos de trabalho e os incentivos fiscais concedidos por anos serviram de combustível para a disputa política na Bahia.

A instalação do complexo automotivo foi um dos principais triunfos para o grupo do então senador ACM em campanhas políticas.

Nacionalização começou nos anos 1950

1919 A diretoria da Ford Motor Company aprova a criação da filial brasileira, no início com 12 funcionários, na rua Florêncio de Abreu, centro de São Paulo. O Modelo T e o caminhão TT são montados com peças importadas dos EUA

1920 Um antigo ringue de patinação na praça da República, no centro de São Paulo, se torna a nova sede da Ford no Brasil

1921 Sede da Ford se muda para um prédio próprio no bairro do Bom Retiro, região central de São Paulo, onde é construída a nova linha de montagem

1923 Com 124 funcionários, a Ford atinge a capacidade anual de produção de 4.700 carros e 360 tratores

1925 Ford inaugura uma linha de montagem no Recife (PE)

1926 Modelos da marca americana começam a ser montados em Porto Alegre (RS)

1927 Ford inaugura um centro de treinamento para mecânicos em São Paulo e uma linha de produção no Rio

1942 Montagem nacional é interrompida devido à Segunda Guerra Mundial, e a Ford inicia os planos para nacionalizar componentes

1953 É inaugurada a nova fábrica da Ford no Brasil, no bairro do Ipiranga (zona sul de São Paulo)

1955 Ford passa a produzir cabines de picapes e caminhões feitas com aço de Volta Redonda (RJ)

1956 Com o programa de desenvolvimento da indústria estabelecido no governo de Juscelino Kubitschek (1902-1976), a Ford se concentra na nacionalização de seus produtos

1967 Montadora adquire o controle acionário de Willys-Overland do Brasil e assume as fábricas de São Bernardo do Campo (Grande São Paulo) e de Taubaté (interior de São Paulo)

1976 Ford inaugura sua nova fábrica de tratores, em São Bernardo do Campo

1977 É aberto o campo de provas de Tatuí (interior de São Paulo)

1987 Surge a Autolatina, parceria regional entre Ford e Volkswagen

1996 Fábrica de motores e transmissões de Taubaté é reinaugurada

2001 Ford inicia as operações em sua nova fábrica, na cidade de Camaçari (BA)

2019 Encerramento da produção em São Bernardo do Campo (SP)

2021 Ford fecha fábricas nacionais e anuncia que só irá vender modelos importados no Brasil

Guedes ‘celebra’ Orçamento limitado e não prevê auxílio

Bernardo Caram e Thiago Resende

BRASÍLIA Interessado em mostrar a investidores que o governo tem compromisso com o controle dos gastos públicos, o ministro Paulo Guedes (Economia) vem tratando como positiva a não aprovação do Orçamento deste ano pelo Congresso, o que impõe uma trava para as despesas do governo.

Com a limitação nas contas, a equipe econômica afirma não trabalhar com a possibilidade de fazer novos pagamentos do auxílio emergencial a trabalhadores informais afetados pela pandemia do novo coronavírus. Para auxiliares de Guedes, no momento, só é possível discutir uma reformulação do programa Bolsa Família dentro do Orçamento já previsto para o ano.

Mudanças mais amplas de-

vem ser propostas após a eleição da cúpula do Congresso, marcada para o início de fevereiro. A pasta quer voltar a discutir a fusão de programas sociais existentes hoje, ideia que já foi alvo de veto do presidente Jair Bolsonaro.

Sem controle da crise sanitária e com a taxa de desemprego em alta, o fim do auxílio emergencial foi criticado por políticos e especialistas. Nas negociações para a sucessão do comando do Congresso, parlamentares pressionam pela aprovação de novas parcelas da assistência.

As disputas políticas no Legislativo no ano passado travaram a tramitação do Orçamento de 2021, que ainda não foi aprovado. Com isso, a norma prevista na legislação limita os gastos discricionários dos ministérios — como custeio da máquina pública e investimentos — a um dos avos do valor previsto pa-

ra o ano. Pela regra, o governo não tem autorização para ampliar despesas, se desejar.

Para Guedes e membros da pasta, o dispositivo obriga o Executivo a travar o cofres ao mesmo tempo que força o Congresso a discutir o tema caso os parlamentares queiram implementar novas ações para enfrentar os efeitos da pandemia.

Guedes retornou das férias nesta segunda (8) e promoveu reuniões com subordinados. Segundo auxiliares, até que sejam retomados os trabalhos no Legislativo no próximo mês, a pasta deve se concentrar apenas em discussões internas para formatar o plano que será priorizado.

Segundo fontes, janeiro será um mês de observação política, sem anúncio de medidas. A avaliação é que qualquer proposta apresentada agora será contaminada pela disputa às presidências da

Câmara e do Senado.

Até a votação do projeto de Orçamento, a pasta deverá apresentar ainda um ajuste nas contas para que as despesas de 2021 fiquem dentro do teto de gastos. A alteração é necessária porque muitos desembolsos foram reajustados pela inflação acumulada em 2020, que se acelerou no fim do ano.

Técnicos do Ministério da Economia ainda finalizam os cálculos, mas números preliminares indicam que o corte na programação de gastos possa ficar entre R\$ 10 bilhões e R\$ 20 bilhões.

Essa redução pressiona ainda mais despesas discricionárias, que já estão menores que R\$ 90 bilhões, patamar considerado baixo.

De acordo com pessoas próximas a Guedes, a prioridade da pasta em 2021 será a geração de emprego e renda. A partir de fevereiro, a equipe

econômica quer retomar as negociações para a criação de um imposto aos moldes da extinta CPMF para bancar um corte de encargos trabalhistas. A ideia sofre com rejeição de membros do governo e lideranças parlamentares.

A carteira Verde e Amarela, que reduzia custos de contratação de funcionários jovens e que perdeu a validade sem votação do Congresso, pode ser relançada.

Segundo membros da equipe econômica, 2021 não terá grandes inovações por parte da pasta. Isso porque uma série de medidas elaboradas pelo ministério seguem pendentes de análise no Legislativo. A lista inclui o pacto federativo e a reforma administrativa.

Na seleção de prioridades também está a chamada PEC (proposta de emenda à Constituição) Emergencial, que permite o acionamento de gatilhos de ajuste fiscal.